



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E MÚLTIPLAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO ATUAL

Carlos César de Oliveira¹
Café Paulo Freire PUC Rio/RJ²

RESUMO: A presente carta é fruto de reflexões sobre o pensamento freireano, e parte da premissa que o escrevente ao escrever, pensa, analisa, sistematiza as suas ideias, cria, reelabora e produz outros conhecimentos. Para o exercício da escrita, tomei como base a obra *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 1996) e algumas ações realizadas pelo Café Paulo Freire – PUC Rio, a partir das quais apresento algumas indagações acerca do ensino com vista na autonomia dos/as estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo. Práticas de ensino. Pensamento crítico.

A cada encontro, a cada Café, fica evidente a importância dos encontros, dos afetos, do cuidado e da solidariedade. Por meio deles, procuramos reinventar o teu pensamento (Freire), tendo em vista as trocas, os diálogos e a própria forma de organizar a ação, de organização. Sim, pois o Café traz em sua essência a dimensão pedagógica, o Ser humano-político, ético-estético, resultando em um rico processo de aprender-ensinar-aprender, como tu sugeres na *Pedagogia da autonomia*.

Ao sistematizar estas reflexões, me inspiro nas tuas cartas cuja centralidade é a comunicação, o diálogo, assumindo, assim, um papel crítico reflexivo. Por que escrever cartas? Que papel elas podem exercer na formação? Sumariamente, contribuem para estabelecer uma relação “eu-tu”, “a-b”, locutor-interlocutor, remetente-destinatário. Isso significa dizer que a escrita de uma carta resulta da intencionalidade de quem escreve, do desejo de compartilhar informações, de comunicar, de dialogar, de sistematizar, de trocar saberes. Este momento, por exemplo, resulta em sistematização e reflexão, as quais tomo

¹ Doutorando em Educação – PUC Rio. Bolsista CAPES/PROEX. Participa do Grupo de Estudos Grupo de Estudo Formação de Professores, Currículo e Cotidiano Escolar – GEFOCC. Integra a equipe do Café Paulo Freire PUC Rio. E-mail: carlosoliveira.prof@gmail.com

² Equipe que está à frente do Café Paulo Freire PUC Rio: Renato Pontes, Maria Inês Marcondes, Ana Ribeiro e eu.



como referência a *Pedagogia da autonomia*, especialmente o segundo capítulo – *ensinar não é transferir conhecimento*.

Porém, antes de adentrar na obra, quero destacar, de forma sintética, que no Café PUC Rio as discussões já giraram em torno de três temas geradores: Leitura, Fome e Educação Popular, ou seja, já discutimos sobre *A importância do ato de ler*, *À sombra desta mangueira* e, mais recentemente, uma conversa com professores do pré-vestibular comunitário³ da PUC Rio, que me inspirou a escrever esta carta com base na *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. E isso me leva a um questionamento: no contexto atual, quais são os saberes necessários às práticas educativas?

Nesta obra, Paulo, tu fazes várias reflexões a respeito do ato de ensinar, convidando-nos a olharmos para o contexto atual e os seus desafios, a fim de re-inventar-te. Pensando nisso, surgem algumas indagações que ora compartilho: como educar com vista na autonomia dos/as educandos/as? Como ensinar com alegria e esperança face às múltiplas linguagens e tecnologias? Sem pensar em respostas, mas na construção de um diálogo, a partir da figura abaixo, apresento algumas reflexões.

³ Acentue-se que os pré-vestibulares comunitários (populares ou sociais) têm assumido um importante papel na formação de estudantes das classes populares que buscam assegurar o seu direito de cursar um ensino superior. Além disso, são lugares de formação de professores/as, uma vez que criam espaços para estudantes de graduação exercitarem a sua prática, reiterando a dialeticidade entre a prática e teoria. Faço referência a isto, para destacar que o 3º Café – PUC Rio (12/2022) foi realizado com professores/as de um pré-vestibular, instigando-os/as a conhecerem um pouco mais o pensamento de Paulo Freire. Destaque-se que uma das obras citadas na conversa foi a *Pedagogia da autonomia* (1996), o que justifica a escolha desta obra como fundamento para a escrita desta carta.

Figura 1: Reflexões sobre o ensino como forma de re-pensar a prática docente



Fonte: Elaboração Carlos Oliveira/Recurso Canva, 2022.

A partir destas ideias-força (ou ideias-síntese) reflito sobre como construir uma pedagogia da autonomia no contexto atual, diante de tantos desafios: ensino pós-pandemia, guerra, desigualdades acentuadas, aumento da fome, ensino híbrido, uso de tecnologias..., entre tantos outros. Diante disso, me parece que duas ideias são fundamentais: a primeira é a necessidade de apreender a realidade, de problematizá-la, em busca de superar tais desafios, a fim de trabalhar a criticidade dos/as educandos/as. A segunda é a “convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996), mas para isso é necessário aquilombar-se, dar as mãos, numa luta coletiva. Some-se a isto a necessidade de se apropriar das múltiplas linguagens, de forma crítica e curiosa. Afinal, a mudança implica organização e cooperação coletiva. Nesse sentido, Paulo, acredito que os pré-vestibulares comunitários (populares/social) vêm sendo sinal de mudança, não somente quando ajuda um/a estudante a ser aprovado/a em um exame, mas, sobretudo, quando assume um papel ético-político, isto é, desenvolve um pensar crítico acerca da realidade.

Nesses movimentos de busca (e de luta), Paulo, temos procurado nos reinventar e resistir coletivamente: ouvindo as experiências, trocando saberes, reconhecendo o nosso inacabamento e a nossa aprendência como sujeitos



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

críticos que acreditam em uma educação humanizadora e problematizadora da realidade. Portanto, ao dialogar contigo, compreendo que ensinar é contribuir para a formação de estudantes críticos e cidadãos. Compreendo, ainda, que ensinar implica “alegria e esperança”: alegria naquilo que fazemos, com gosto pela educação e esperança nas/os educandos/as.

Como educador (professor-pesquisador), acredito que esses movimentos de escuta, de múltiplos diálogos, de pensar-fazer coletivamente, são extremamente formativos, o que justifica o “bom senso” e a “humildade” no ato de ensinar (FREIRE, 1996). Afinal, independente do espaço de aprendizagem – escolar ou não-escolar – cada espaço é formado por múltiplos sujeitos e por experiências diversas, daí a importância da “tolerância” com relação aos tempos de aprendizagem. A construção da autonomia não acontece do dia para a noite. É processual, dinâmica, e, por vezes, requer a criatividade do ensinante ao ensinar.

Paulo, as reflexões que tu fazes sobre o ensino na *Pedagogia da autonomia* são inquietadoras e instigantes, pois, em meio aos recursos tecnológicos e às diversas mensagens que recebemos diariamente, somos desafiados/as a pensar uma educação dialógica, crítica, problematizadora da realidade. Por isso, como enfrentamento, nos Aquilombamos, Cirandamos, tomamos Cafés juntos! É a nossa resistência! Por vezes, é criticada por grupos conservadores que nos acusam de defendermos uma “educação ideológica”. Mas, como tu lembraste, a educação é ideológica, e estes grupos têm suas raízes fincadas na educação bancária, castradora, silenciadora, que assujeita as/os educandas/os. Desse modo, compreendendo que a educação, as escolas, são espaços de disputas, a não abertura para a diversidade e para as diferenças contribui para a manutenção de uma ideologia: dominante, do patrão, do mercado, do capital.

Por tudo isso, esta carta expressa indagação, resistência, denúncia... E vislumbra ser “anúncio” de um “que-fazer” (FREIRE, 1996) coletivo e a defesa de uma educação crítico-humanizadora.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.